

VOLTAIRE, UM ILUMINISTA¹

1. A Providência

Voltaire é um filósofo iluminista francês que se dedicou a polemizar acerca dos dogmas religiosos de seu tempo e tinha a intenção de mostrar o quanto a aceitação dessas doutrinas fundamentalistas levam os homens ao gládio e, conseqüentemente, a um atraso econômico e político desnecessário. Em particular, tratou de questões como a Providência e os milagres que se multiplicam, quando a religião está enfraquecida, e desaparecem, caso a classe sacerdotal detenha o controle da sociedade.

Na concepção de Voltaire, devemos observar a História por meio dos fatos que nos são apresentados na realidade e não se contentar com dados apresentados por outros e sem comprovação. A crítica voltairiana questiona justamente o texto bíblico, pela facilidade em encontrar contradições e fatos impossíveis de serem realizados, como andar no deserto durante quarenta anos ininterruptos (hebreus em busca da Terra Prometida). Portanto, Voltaire faz uma análise da Bíblia com a mesma perspicácia que fazem os historiadores com qualquer texto. Assim sendo, o texto bíblico passa pelo mesmo processo de análise racional.

Percebe-se que o texto traz estórias tão fantásticas e absurdas quanto aquelas dos relatos dos antigos gregos e romanos. Os povos antigos, dentre eles os hebreus, davam crédito a esse tipo de relato por causa de sua demasiada falta de conhecimento acerca do funcionamento dos processos e leis que regem a natureza. Tanto é que podemos afirmar que todos os povos relatam suas origens com fatos heróicos e fantásticos. Com o povo hebreu não foi diferente. Podemos dizer que estórias como de Adão e Eva, Moisés e a Terra Prometida podem ser vistas como a estória de Rômulo e Remo, ou seja, não passam de mitos, necessários para que um povo se identifique com algo e sinta orgulho das suas origens.

Aproveitando as limitações intelectuais da época, os líderes políticos e religiosos apoiavam esses ensinamentos justamente para manter a ordem. Incutiam valores e crenças, como a submissão e a origem divina dos reis e faraós, que eram considerados deuses ou enviados por esses. Estimulavam a obediência dos membros fundamentando o exercício do poder político sobre essas comunidades.

Vemos que Voltaire tira a santidade da história inserida na Bíblia nos dando uma nova visão da História. Ao colocar em evidência os protagonistas (homens particulares ou

¹ Artigo de Paulo Cubas de Sousa Filho, graduado em Filosofia em 2008, e pertencente ao grupo de pesquisa “Iluminismo e religião” do Prof. Ms. Antonio Ruzza.

povos inteiros), nas suas paixões, leis e costumes, a interferência da Providência nos acontecimentos históricos é anulada. Tudo não passa de uma porção de documentos históricos, sendo alguns verdadeiros e outros falsos, porém, sobretudo humanos, portanto suscetíveis de críticas. A desconstrução da idéia de interferência da Providência nos relatos ao longo da História, inclusive os descritos na Bíblia, se dá justamente por conta de que os fatos são produzidos pelas culturas e conflitos dos povos inseridos no contexto histórico do qual provêm os relatos sobre os hebreus e suas aventuras.

O Antigo Testamento não pode ser utilizado para se ensinar virtudes a ninguém, pois o Deus dos hebreus (Iavé) não é considerado por Voltaire nem um pouco virtuoso. O “divino” incita invasões, conseqüentemente, guerra e matança entre o povo eleito (hebreus) e seus adversários. Verificamos muita crueldade e sentimento de vingança por parte de Iavé. Em suma, o objetivo de Iavé é ser adorado como os deuses da mitologia grega e romana, entre outras.

Quanto ao Novo Testamento, Voltaire aponta os milagres como constatação do excesso de credulidade e ignorância das pessoas que viviam no contexto em que Jesus esteve presente. A rigor, o milagre seria um evento fantástico e incompreensível para os homens, uma exceção às regras da natureza, mas Voltaire vai além quando afirma que ao fazer um milagre Deus estaria assinando seu atestado de fraqueza e não de potência, porque Este não teria conseguido por meio das leis imutáveis e eternas criadas por Ele mesmo, resolver a situação. Os milagres estão presentes em relatos de vários povos antigos porque a capacidade para construir raciocínios explicativos de certos eventos da natureza era muito precária, por isso se acreditava nesses relatos fantásticos e absurdos.

Por esse motivo, a crença nos milagres obteve ainda mais sucesso quando foi dito por alguns que Jesus havia ressuscitado e subido aos céus, fato durante o qual ninguém admitia estar presente no momento.

Segundo Voltaire a Providência definida enquanto desígnio previamente estabelecido por entes sobrenaturais, não influencia em nenhum acontecimento concreto. Não é possível admitir a interferência da Providência em nenhum fato histórico, justamente por considerar os povos com suas leis e costumes como os verdadeiros agentes e construtores da História.

2. A Providência nos Contos Filosóficos de Voltaire

Maria da Graça de Souza, em seu texto “A razão militante” (capítulo 5: “Os contos filosóficos de Voltaire”), diz que durante as suas narrativas Voltaire demonstra que a visão

antropocêntrica (colocação do homem no centro de tudo, inclusive dos desígnios da Providência) é uma pretensão humana sem justificativa lógica. As críticas são diretamente direcionadas à questão da doutrina da existência de uma Providência divina com o propósito de fazer o bem aos homens.

Para Voltaire, a razão aponta para um Ser Supremo que criou tudo, mas não intervém nos acontecimentos do mundo e muito menos visa o bem dos homens (Deísmo).² O ser humano é uma contingência, um verme perambulando por um planeta que é um grão de areia no Universo. Ele não tem um valor especial, não é o mais importante aos olhos da Natureza.

Zadig ou O Destino

Nesse conto Voltaire relata as desventuras de Zadig. Na presente pesquisa vamos nos ater em analisar uma pequena passagem do conto, que diz respeito à Providência.

Após Zadig estar convencido de que a Providência o colocava diante de fatos desagradáveis, concluiu ele que seu destino era ser infeliz e que a Providência era “*cruel e oprimia os bons e fazia prosperar os cavaleiros verdes*”, fazendo referência ao fato de ter perdido a oportunidade de se casar com a rainha Astartéia e ser rei de Babilônia.

Na seqüência Zadig encontra um ermitão que lhe pede para fazer um juramento que consistiu em nunca abandoná-lo, aconteça o que acontecer, Zadig concorda e acompanha o velho. Este comete barbaridades como, por exemplo, atear fogo numa casa de um senhor que os havia hospedado e numa outra situação jogar um jovem num rio para que fosse levado pela correnteza. Logicamente, Zadig fica indignado. Mas o velho justifica dizendo que tudo foi para o bem daquelas pessoas. No caso da casa o proprietário encontrou um tesouro imenso debaixo das ruínas e no do rapaz afogado a justificativa é de que o jovem iria assassinar sua tia dentro de um ano, e a Zadig daqui a dois anos.

Ouvir essas justificativas não deixa Zadig conformado, é então que o velho ermitão se transforma num anjo. Zadig dialoga com o anjo fazendo-lhe uma série de perguntas. Existe um momento no qual Zadig questiona o anjo sobre o mal. O anjo lhe fala que o mal faz parte do encadeamento dos acontecimentos desse mundo e completa dizendo que existem muitos mundos e que nenhum deles é semelhante ao outro e que o único local perfeito, portanto sem o mal, é a morada eterna do Ser Supremo. Assim sendo, Zadig teria que agradecer e adorar a Providência ao invés de reverberar contra ela.

² Concepção filosófica que admite a existência de um Ser Supremo, porém este não interfere nos acontecimentos concretos. O Ser Supremo apenas criou tudo e nada mais.

Através desse conto, Voltaire mostra o embate entre as personagens acerca da Providência. O conto é uma demonstração dos conflitos causados pela crença cega numa Providência que justifica quaisquer barbaridades. É muito fácil atribuir os problemas aos desígnios preestabelecidos pelo Ser Supremo. Desta forma, tudo fica explicado e sem margem alguma para contestações. Conclui-se que pode ser uma forma de conformar os mais simples com a desgraça e as mazelas de uma existência miserável e oprimida a qual estes são submetidos. Mas o aspecto mais enfatizado pelos iluministas, e Voltaire não é diferente, é o fato dessas credices propagadas pelas instituições religiosas auxiliarem o domínio e o controle social por parte das classes dominantes da sociedade constituída.

3. Questões sobre os milagres

Nessa brilhante obra, Voltaire levanta polêmicas com relação aos milagres que acompanham o imaginário do homem ocidental e as circunstâncias nas quais eles “ocorrem” com mais frequência e são atribuídos ao Deus-cristão. Quando a religião precisa se fortalecer, como foi o caso do cristianismo nos dois primeiros séculos após a morte de Jesus, os milagres eram mais freqüentes. Já no século XVIII, no qual viveu Voltaire, eventos mágicos e milagrosos eram mais raros e até condenados pela religião instituída, sob a justificativa de serem fruto de bruxaria e não resultado de uma fé cristã.

Inclusive os Santos Doutores da Igreja confessaram não presenciarem milagres em seu tempo. São Crisóstomo é citado por Voltaire: *“Os dons extraordinários do espírito eram dados mesmo aos indignos, porque então a Igreja precisava de milagres; mas hoje eles não são dados nem mesmo aos dignos, porque a Igreja não precisa mais deles”*³. Até mesmo Santo Agostinho em sua *Cidade de Deus* se pergunta sobre a falta de milagres contemporâneos a ele: *“Por que esses milagres que se faziam antigamente não se fazem mais hoje?”*⁴; o próprio Santo Agostinho emite uma resposta à questão: *“Eu poderia responder com verdade que, antes de o mundo acreditar, eles eram necessários para que o mundo acreditasse”*⁵.

Voltaire demonstra as dificuldades que as diversas igrejas cristãs fundadas durante a história do cristianismo travaram para estabelecer os fatos que seriam aceitos como milagrosos e os que não: *“muitos milagres que passam por autênticos na Igreja grega foram postos em dúvida por vários latinos, assim como milagres latinos foram considerados*

³ VOLTAIRE. *Questões sobre os milagres*, p. 7

⁴ AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. p. 2265

⁵ *Ibid.* p. 2265

suspeitos pela Igreja grega; em seguida vieram os protestantes, que maltrataram extraordinariamente os milagres tanto de uma quanto de outra Igreja.”⁶

Observações feitas por Voltaire afirmam que em sociedades menos esclarecidas e com um desenvolvimento precário, os milagres são mais freqüentes e extremamente grandiosos. Isso aparece nos livros bíblicos que compõem o Antigo Testamento, onde os feitos miraculosos são de demasiada grandeza e magia, como a formação de Eva moldada a partir de uma costela de Adão, dos quatro cavalos que raptaram Elias, do grande peixe que manteve Jonas preso em seu ventre durante setenta e duas horas, do sol e da lua que pararam ao meio-dia. Tais foram os prodígios relatados pelos hebreus antigos, porque eles eram ao mesmo tempo o povo mais crédulo e mais inclinado à idolatria.

No período em que Jesus esteve entre os hebreus a sociedade era mais esclarecida e os conhecimentos compartilhados com outras culturas (como a greco-romana) contribuíram para que os feitos de Jesus não fossem dotados de tanta grandiosidade e magia. O que Voltaire coloca como algo, no mínimo, estranho, é acerca do feito de Jesus ao ressuscitar Lázaro. Pois esse fato não teria despertado o interesse dos romanos? Mas não há um único historiador do período que relate esse fato. E os governantes romanos, segundo a História, nunca mencionaram algo sobre esse assunto. Afirma Voltaire: *“um morto ressuscitado teria sido objeto de atenção e do espanto do universo; que toda magistratura judia, e particularmente Pilatos, teria recolhido os mais autênticos testemunhos deste fato; que Tibério ordenava a todos os procônsules, pretores, presidentes das províncias, informá-lo com exatidão de tudo; que teriam interrogado Lázaro que permanecera morto quatro dias inteiros, que teriam querido saber o que acontecera à sua alma durante esse tempo.”*⁷ Caso fosse confirmado o fato ocorrido com Lázaro pelas diversas instâncias detentoras de poder da época, seria atestada a divindade de Jesus e os quatro cantos do planeta seriam cristãos sem contestações.

O pensador francês aponta para os problemas gerados pela religião institucional. Ele não critica propriamente a moral impressa pelas prescrições religiosas, mas os seus dogmas. As doutrinas com sua rigidez dogmática é que levam os grupos humanos ao gládio⁸ motivados por uma fé irracional. Os conflitos que as religiões ocasionam são por conta de

⁶ VOLTAIRE. *Questões sobre os milagres*. p. 8

⁷ VOLTAIRE. *Questões sobre os milagres*. p. 18

⁸ Voltaire aponta que diversas batalhas foram geradas por conta de uma interpretação de um versículo do Evangelho de São Mateus onde Jesus afirma: “Não julgueis que vim trazer paz à terra. Não vim trazer-lhe paz, mas espada. (Mt 10, 34)

seus dogmas e não para a defesa da moral que elas propagam, que é contra os conflitos, pois prega paz, harmonia e a não-violência.

Curioso é que os dogmas apregoados pelas religiões cristãs e dissidentes jamais foram ensinados por Jesus Cristo. Não foi ele o fundador da religião cristã, mas alguns de seus seguidores judeus, como Paulo que foi influenciado pelo pensamento platônico sobre o mundo das idéias identificado com o Paraíso e sobre a continuação da alma após a morte corpórea.

As contestações feitas pelo filósofo francês são de extrema importância para a luta travada no Iluminismo contra a Igreja e seus dogmas. Guerras e conflitos foram gerados por conta de doutrinas que enfatizam situações fruto da fantasia do imaginário popular, relativa a um período primitivo das relações humanas. O filósofo mostra as contradições existentes no cristianismo durante sua história e revela que Jesus Cristo nunca fundou religião alguma.

Concluimos que as doutrinas religiosas que se dizem cristãs, não foram deixadas aos senhores que a pregam, pelo homem que eles dizem ser o filho de Deus. Jesus Cristo nunca fundou nenhuma religião, apenas combateu a hipocrisia dos sacerdotes judeus de sua época e tentou mostrar que a vida religiosa não era ir à sinagoga e obedecer às leis criadas pelas instituições humanas, mas praticar os preceitos religiosos em todos os momentos da existência gerando assim um ambiente harmonioso para a convivência entre os homens. Na prática, o cristianismo instituído mais tarde, reproduziu justamente o que Jesus combateu.